



A ARQUITETURA E O LUGAR DE GERALDINO DUDA

THE ARCHITECTURE AND PLACE OF GERALDINO DUDA

LA ARQUITECTURA Y EL LUGAR DE GERALDINO DUDA

Por: **DINIZ, DIEGO; GARCIA, MARJORIE**

Mestre, PPGAU-UFPB, diego.claudino@academico.ufpb.br

Mestra, PPGH-UFCG, marjoriegarciafernandes@gmail.com

ENTREVISTADO: GERALDINO PEREIRA DUDA
EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCÍILA AFONSO, DIEGO DINIZ
ROTEIRO: MARJORIE GARCIA E DIEGO DINIZ
ENTREVISTADORES: MARJORIE GARCIA E DIEGO DINIZ

DATA: 25 DE NOVEMBRO DE 2019 ÀS 14H

GERALDINO PEREIRA DUDA

Em março de 1935, nasce em Campina Grande, Geraldino Pereira Duda, filho de Antônio Pereira Duda e Vitalina Pereira Lima. Começa a trabalhar aos nove anos em uma fábrica de tecidos, e posteriormente em uma oficina mecânica. Com 15 anos, Geraldino inicia no ofício de desenhista no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa, logo, ele se destaca devido essa aptidão, vindo a despertar grande interesse na atuação como projetista. No período em que trabalhava no Departamento de Urbanismo (DPU), da Prefeitura de Campina Grande, Geraldino recebe a incumbência de projetar o Teatro Municipal (1962). Na década de 1970, após alguns anos atuando como desenhista, gradua-se em engenharia civil na Escola Politécnica de Campina Grande, atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Logo em seguida, Geraldino contribui no desenvolvimento de diversos projetos urbanos, como a Praça do Trabalho e o traçado urbano do bairro da Prata. Também foi responsável pela autoria cerca de 300 residências, predominantemente com linguagem moderna.



Fonte: Diego Diniz, 2019.

ENTREVISTA

MARJORIE GARCIA: Somos integrantes do grupo de pesquisa chamado Grupo Arquitetura e Lugar, estudamos a produção arquitetônica de Campina Grande, incluindo a obra do senhor... que consideramos um mestre da arquitetura. Então quero agradecer por nos receber aqui na sua casa. O senhor é uma inspiração para nós, como

arquitetos e pesquisadores que estudamos a arquitetura de Campina Grande.

O intuito deste encontro, hoje, é fazer algumas perguntas ao senhor. Diego está estudando o teatro que foi projetado pelo senhor, e eu estou estudando no mestrado o Bairro da Prata. A intenção do meu estudo é entender as transformações do bairro, que surgiu como um

bairro residencial, mas que se transformou num polo médico.

E aí a intenção da gente é saber: quando o senhor começou a projetar no Bairro da Prata, era um bairro residencial?

GERALDINO DUDA: O bairro da Prata era... era muito residencial, diferente... a escala ali.

O proprietário disse que tinha muita sorte com o nome prata. Então ele deu nome àquela propriedade ali... de prata, que hoje é o Bairro da Prata. Fez e construiu o edifício prata, no qual eu instalei meu escritório lá. Raimundo Viana construiu a igreja... era ali, na frente do Capitólio, tomando a Floriano Peixoto, aí ele, quando foi prefeito, fez o Bairro da Prata. Ele loteou... ele transferiu a igreja para a prata e hoje é aquela que está lá, né?! A Igreja do Rosário.



Bairro da Prata na década de 1960. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2010.

MARJORIE GARCIA: Quando o senhor começou a projetar no bairro, era um bairro planejado?

GERALDINO DUDA: Não... era um loteamento, né? Ele procurava um engenheiro ou um arquiteto, que era o mais próprio, e mandava lotear, ou seja, dividir as ruas em lotes, registravam na prefeitura e vendia aquelas partes lá.

MARJORIE GARCIA: O senhor trabalhou no departamento de Urbanismo?

GERALDINO DUDA: DPU, Departamento de Planejamento e Urbanismo.

MARJORIE GARCIA: E na época que o senhor trabalhou, o bairro era residencial?

GERALDINO DUDA: Era residencial.

MARJORIE GARCIA: O senhor não participou de nenhum projeto urbano?

GERALDINO DUDA: Quando cheguei aqui, voltei... Que eu sou daqui, né? Eu voltei... Estava em construção o Colégio da Prata, sabe como é!

Então começou com aquele colégio ali, a igreja... aí foi... consultórios médicos, etc. E clínicas. Hoje tem hospitais, né? Ele destinou-se a saúde.

MARJORIE GARCIA: Em que ano mais ou menos que ele passou a ser da saúde (o Bairro da Prata)? foi em 80 ou antes disso, ou depois?

GERALDINO DUDA: Polo médico? Eu não tenho... Mas foi logo, foi... Logo foi instalado clínicas. Era questão do terreno, né? Era o mais próximo da cidade e praticamente bom de construir. Era construções baratas.

MARJORIE GARCIA: E como é para o senhor hoje em dia? Vê as casas que o senhor projetou para o uso residencial se transformar em clínicas e em hospitais?

GERALDINO DUDA: Isso vem do povo, né? A preferência que o povo. Já começou com uso educacional, né, que é o Colégio Estadual. E foi... hoje é hospitalar, praticamente, e educacional, né?

MARJORIE GARCIA: Os clientes do senhor, quem era na época, das casas?

GERALDINO DUDA: Era a prefeitura. Eu era funcionário da prefeitura. E os particulares... eu tinha um escritório e trabalhava na prefeitura, né?

DIEGO DINIZ: O teatro Ele foi construído igual o senhor planejou?

GERALDINO DUDA: O teatro... o teatro é Severino Cabral. Vem daí o nome dele, Severino Cabral. E tem uma coisa até interessante que é bom dizer... os vereadores, e políticos disseram a seu Cabral que não era para ele botar o nome dele no teatro, que ele não tinha nada com arte dramática, não tinha nada. Aí Cabral era homem inteligente. Aí respondeu. Ele disse: aquele campo de futebol lá do Zé Pinheiro tem o nome de Plínio Lemos, né? Plínio Lemos nunca foi jogador de futebol, e tem um estádio com o nome dele, porque eu não posso ter um teatro com meu

nome? Ah! Toda a peça dramática era apresentada em cinema. Quer dizer, nesse dia o cinema não funcionava. Era o teatro. Por isso que todos eles tinham palco, porque cinema com palco e tal? você vê que o Babilônia tinha palco... o Capitólio tinha palco para apresentação de teatro... e necessitavam... os intelectuais de Campina Grande ficavam lutando para que Campina tivesse o seu teatro próprio. E quem fez foi Cabral, foi quem resolveu. Então eu, graças a Deus... Deus foi quem me deu a condição. Eu não vou dizer que fui eu. Deus foi quem me deu a condição de fazer o teatro. Na época, o diretor de obras, era doutor Austro França Costa, meu amigo. Aí ele mandou que eu projetasse o teatro, e assim eu fiz. Tá lá... e procurei no meu entender, de que o teatro é uma obra de arte (ele representa a arte, o teatro) e então ele teria que ter uma obra de arte representando o teatro, que seria uma arquitetura diferente das demais. Daí é que se vê que o nosso teatro, no mundo inteiro, não tem um sequer parecido. Todos eles são prédios. Normais. Mas eu achei que devia se fazer um prédio diferente. E assim foi feito. Era um triângulo ali... eu queria botar o teatro no meio do triângulo e o entorno seria jardim de estacionamento. Mas tem sempre a política. Aí o prefeito seu Cabral mandou que subisse o teatro. No lugar de ficar no centro do triângulo, que fosse na extremidade, virado para a cidade. Muito bem. Então foi que ficou aquele formato.

Foi procurando adequar a planta dele à planta do terreno. E deu original, né? Quer dizer, para fazer aquilo ali teria que pegar um terreno igual àquele para reproduzir, né? Um terreno retangular ou um terreno quadrado ou terreno redondo, não dá, teria que ser aquele. Aquele daquela forma, com a frente virada para a chegada do povo que rodeava lá na contramão, né? Então é dali, da cidade, quando você vai descendo, já vai vendo a entrada do teatro.

DIEGO DINIZ: Como foi que o senhor definiu o que tinha que ter no teatro?

GERALDINO DUDA: Inclusive em cima, no outro pavimento, que é o onde tem os camarotes, para o pessoal da elite, vamos dizer, os camarotes tem uma frente que é para tomar um cafezinho, uma coisa, assim... você pode sair, tomar um cafezinho, tomar uma cerveja e depois volta para o camarote e continua.



Vista para a cidade do bar próximo aos camarotes do Teatro Municipal Severino Cabral, Fonte: Diego Diniz, 2018.



Fachada frontal do Teatro Municipal Severino Cabral, "virada para a Cidade". Fonte: Diego Diniz, 2018.

DIEGO DINIZ: O senhor que definiu o programa, ou o prefeito?

GERALDINO DUDA: Não, ele me entregou para fazer o teatro, "faça o teatro!".



Vista aérea do Teatro Municipal Severino Cabral. Fonte: Diego Diniz, 2020.

DIEGO DINIZ: O senhor acompanhou as reformas que teve lá no teatro? O senhor acompanhou alguma?

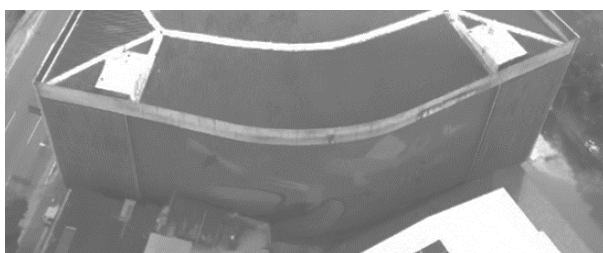
GERALDINO DUDA: Eu tive lá. Tive lá. Mas o que é essencial é o projeto original, como eu disse. Esse teatro, esse formato, esse projeto é para ser um monumento a arte.

DIEGO DINIZ: E aquelas construções que tem atrás do teatro?

GERALDINO DUDA: Ali foi... foi por questão políticas. Tudo era jardim e estacionamento.

DIEGO DINIZ: O senhor lembra do painel da fachada posterior?

GERALDINO DUDA: Eu sei quem era... ele estava até em Paris, aí doou o desenho, né? Para ser feito exatamente aquilo ali, porque não ia ter nenhuma obra atrás. Depois construíram... e perdeu, porque quem vê? e principalmente quem passa de carro, ninguém vê. Só se passar a pé e ficar olhando.



Painel posterior do Teatro Municipal Severino Cabral. Fonte: Diego Diniz, 2020.

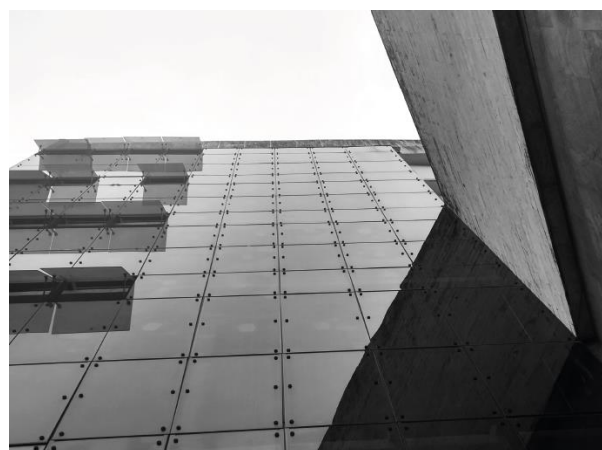
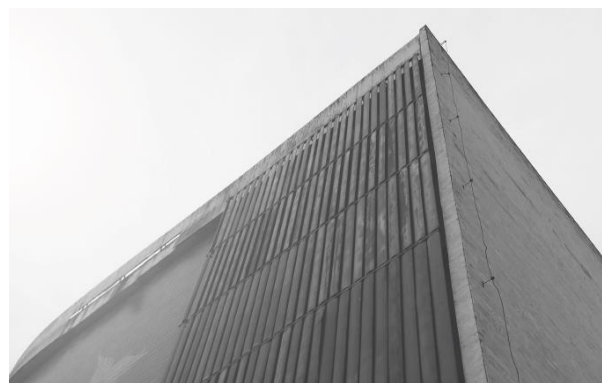
MARJORIE GARCIA: O que era ser moderno na época que o senhor projetava em Campina?

GERALDINO DUDA: A princípio, era novidade. E diferente do que havia feito antes. Tinha muito. Era muito rebuscada a construção. E o moderno simplificou, né? Vai ter um exemplo: Brasília. Os prédios de Brasília, que são modernos porque, você vê, tiraram todo e qualquer ornamento, essa coisa que é o moderno. Aí, daí veio o nome funcional. Era o prédio que só tinha nele o que

funcionava. O que fosse feito que não tivesse função não era moderno.

MARJORIE GARCIA: E esse foi o estilo que o senhor adotou na sua obra?

GERALDINO DUDA: Quando eu comecei a trabalhar, eu simpatizei logo com o moderno.



Detalhes do Teatro Municipal Severino Cabral. Fonte: Diego Diniz, 2018.

MARJORIE GARCIA: Tem muita casa do Senhor no alto branco.

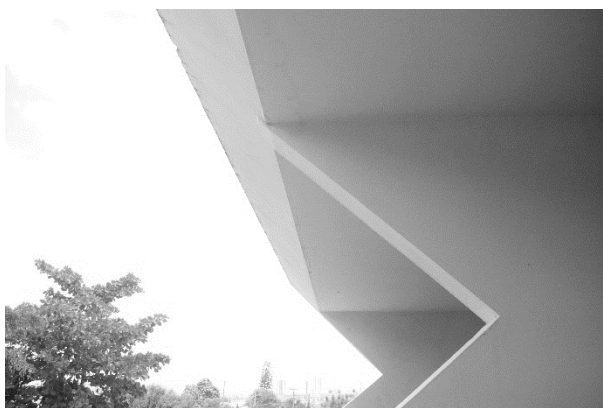
GERALDINO DUDA: Campina toda, João Pessoa, Natal até em Caruaru. Tem muito, muito

lugar eu fiz. Geralmente quando surge uma novidade, o povo procura.

Eles me procuravam porque eu era o que estava incentivando a novidade, né? Veja a igrejinha lá de São José. Nunca fizeram uma igrejinha daquela.

DIEGO DINIZ: E o senhor reconhece as casas quando estão andando assim na rua? O que o senhor sente quando vê?

GERALDINO DUDA: Que eu fiz alguma coisa, né? Eu sinto que foi útil. E eu sinto que foi útil.



Residência Walter Brito, 1977, Geraldino Duda. Fonte: Diego Diniz, 2021.

DIEGO DINIZ: O senhor gosta de visitar o teatro?

GERALDINO DUDA: Raramente eu vou.

DIEGO DINIZ: O que o senhor faria hoje se fosse propor alguma coisa para o teatro, uma reforma? O senhor faria o quê?

GERALDINO DUDA: Não penso. O arquiteto é difícil, muito difícil de ele fazer o que ele quer. Sim, porque sempre tem as influências econômicas e outras. Muita coisa influencia.

DIEGO DINIZ: E o senhor foi em Brasília, antes de construir o teatro?

GERALDINO DUDA: Não, quando eu fui já tinha construído.

DIEGO DINIZ: Aí o senhor se encontrou com Oscar Niemeyer lá?

GERALDINO DUDA: Encontrei. Foi uma honra para mim, né? Agora, o interessante, mas tudo isso eu considero determinado por Deus, porque eu sou... creio muito em Deus e acho que tudo é Ele. Eu não sou nada e nem ninguém é nada. Ele é quem é e eu agradeço. Um amigo meu, Sérgio Cabral, era representante de várias firmas importantes e visitava a matriz. E eu disse Sérgio, quando você for, eu vou. Aí fui com ele, viajei e fui até Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e etc. E quando cheguei lá em Brasília, eu fui visitar a NOVACAP, que era os galpões que se instalaram lá para dar apoio à construção. Ele chamava NOVACAP, né? E eu fui lá para conhecer Oscar Niemeyer. Aí entrei. Quando eu entrei, vi um senhor saindo, aí eu achei parecido, né?... mas não disse nada.

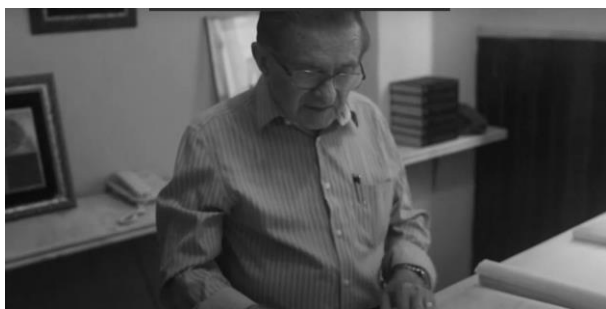
Entre, aí quando cheguei no escritório dele disse a secretária que queria falar com o Dr. Oscar Niemeyer, aí ela falou: o Dr. Oscar acabou de sair. O senhor deve ter se encontrado com eles. Aí voltei imediatamente. Ele estava encostado no carro vermelho Porsche! Eu só posso achar que Deus é quem faz isso e que ele podia entrar no carro, pegar e ir embora. Aí estava encostado no carro, como que tivesse esperando, né? Peguei uma carta de apresentação da Prefeitura de Campina. Ele disse: Está tudo às suas ordens agora, hoje não posso porque vou ter que sair, mas eu vou lhe dar uma carta... um bilhete para se apresentar no Rio de Janeiro, você vai? Eu vou ao Rio de Janeiro. Se o senhor apresentar fulano de tal lá no Rio, ele lhe dá. Lá tem muitos planos e ele pode apresentar todos os planos lá. Porque eu agora não, não posso. Tá certo. Achei bom. Nem fui à procura do cara lá. Vou fazer o quê lá com ele? Procurar ele. Pegar umas plantas? Abrir. Ah, não. Mas também não disse não sei não. Ele lá no Rio, São Paulo, Curitiba. É, e foi importante isso. Gostei demais. É um homem excelente. Se você tivesse vendo ele conversando comigo lá em Brasília, o Oscar, você diria que eu era mais importante do que ele.

MARJORIE GARCIA: Na época que o senhor projetava na Prata, tinha um plano diretor que tinha que seguir alguma norma, alguma coisa, ou era bem livre?

GERALDINO DUDA: uma diretriz que era da prefeitura, do departamento. Agora eles lá é que orientava.

DIEGO DINIZ: O senhor ainda tem o escritório?

GERALDINO DUDA: Está fechado. Faz tempo que eu fui lá. Não sei nem como é que está.



Geraldino Duda visitando seu escritório. Fonte: Teaser do documentário "Arquitetura de Duda", disponível no Youtube, Acesso em novembro de 2023.

MARJORIE GARCIA: Quero agradecer ao senhor, a disponibilidade, a gentileza de receber a gente na sua casa e contar um pouquinho da sua história, compartilhar suas memórias enquanto arquiteto, enquanto campinense. Foi muito importante, viu?

GERALDINO DUDA: Eu que agradeço esse interesse de vocês. Eu que agradeço.